

## Boas estréias de um coletivo poético singular

*Prosa & Verso. O Globo, 16/12/2006*

*A gema do sol* – Domingos de Guimaraens

*O primeiro vôo* – Mariano Marovatto

*Poemas para se ler ao meio-dia* – Augusto de Guimaraens Cavalcanti

*Está tudo solto na plataforma do ar...* Esta canção na voz de Luiz Melodia me veio à cabeça depois de ler os livros e conversar com os três jovens poetas estreantes (excelentes estréias, por sinal) que formam “os sete novos” ([www.ossetenovos.org](http://www.ossetenovos.org)). Está tudo solto – e isso é muito bom. Conscientes que o fim das vanguardas já é um papo antigo (elas acabaram mesmo, estão mortas e enterradas, e pronto) e sem sentir a necessidade de se oporem ao que veio antes ou de lançar um manifesto, esses três jovens poetas (que são sete porque querem incluir muitos outros, uma multidão de poetas fiéis apenas à sua própria linguagem e experiência de mundo) fazem um uso não-hierárquico e a-histórico da tradição e da realidade à sua volta. E é justamente a partir dessa instrumentação – dessa escolha enfim absolutamente pessoal – de tudo o que há que eles marcadamente afirmam sua contemporaneidade e assumem uma postura crítica diante do mundo.

Estivéssemos ainda na década passada (no século passado!), os amigos Domingos de Guimaraens e Mariano Marovatto, por exemplo, poderiam ser encurralados em trincheiras opostas. Enquanto Mariano navega pela vertente modernista culta praticada por Pound e Eliot e potencializada entre nós pelos concretistas, Domingos ignora solenemente tais possibilidades e bebe direto da fonte simbolista – da qual, aliás, é herdeiro genético, sendo, assim como Augusto, bisneto de Alphonsus de Guimaraens. Praticante de uma linguagem “gastro-astronômica”, como ele mesmo diz, a poesia de Domingos é rica em ritmos e imagens e ganha uma dimensão artística extraordinária quando apresentada na forma de instalações ou performances (inúmeras vezes montadas pelo poeta em locais como o Parque Lage ou Casa das Ruínas). Tais instalações ou performances não ilustram ou complementam o poema, ou vice-versa, mas são partes integrantes e fundamentais dele – como poesia livre do suporte livro. Assim já foram apresentados alguns dos seus

melhores poemas, como “Diálogo com uma sombra” (dedicado a Augusto dos Anjos), “Mineralogia óssea universal” (“ora! somos o homem/ única fratura exposta/ entre as iluminuras das estrelas.”), “Desabitado” e “A gema do sol” (que dá o título ao livro), além de “Manifesto delírio”, que atesta a condição solta do homem contemporâneo: “nunca respirou resquício de delírio/ quem não subiu como pássaro/ pégaso ou helicóptero/ até a camada mais densa do céu/ para beber incomensuravelmente/ nas monumentais, mutantes, formas de uma nuvem”.

Em sua apresentação ao livro de Augusto de Guimaraens Cavalcanti, Heloísa Buarque de Hollanda acerta ao imaginar que “apostar (e arriscar) na vocação de poeta hoje em dia não deva ser aposta das mais simples. Com todas as transformações e nuances que este novo século XXI nos traz... a poesia certamente negocia seu lugar e ainda procura sua expressão mais contemporânea.” “O primeiro vôo” de Mariano Marovatto trabalha esse lugar da poesia (e do poeta) – um lugar nenhum – e constantemente despista o leitor, desloca-se, não permite que idéias se revelem, negocia e negaceia, instiga e seduz (mesmo nos poemas de amor, os “3 Epitalâmios”). Um trecho de “Intróito”, por exemplo, que abre a excelente seção final do livro, “Cadernos de Portugal”, diz (cito sem fazer justiça à força visual do poema diagramado na página): “1.1 Livra-te dos métodos/ inquisidores de lobotomia// 1.2 Livra-te das explicações/ atemorizantes dos sonhos// posto que ausculta, ausculta/ tua vida/ não é esta./ ausculta, ausculta.../ 1.3 Livra-te do terror/ que nunca aconteceu// 1.4 Livra-te das horas/ perdidas no fosso///// ausculta, ausculta// ausculta... posto que...ausculta/ tua vida//...ausculta, ausculta/ não é/ está.” Se há algo de uma espiritualidade oriental nos poemas de Marovatto, sua proposta de despiste e camuflagem se torna emblemática na seção “China 1924”. Nela, o poeta nos leva em viagem por algumas cidades e monumentos da China – teria ele estado lá de fato? Por quê 1924? No site “os sete novos”, as impressionantes fotos destes locais se tornam parte integrante do mistério e da beleza desses poemas.

Por sua vez, “Poemas para se ler ao meio-dia”, de Augusto de Guimaraens Cavalcanti, o mais novo dos três, inclui poemas-colagens no próprio livro. Dialogando mais proximamente com o melhor da poesia marginal e com a poesia dos anos 90, ou seja, com uma geração mais recente que já começou a digerir os escombros das vanguardas e a diluir os discursos ideológicos, Augusto escreve como colagem, ou como alguém que manobra o

controle remoto. É uma poesia que incorpora a linguagem do cinema, da TV, do videogame – o que é percebido não apenas devido às abundantes referências a esses meios, mas principalmente ao uso de uma certa sintaxe televisiva. Augusto utiliza-se desta sintaxe com um alto grau de consciência, inteligência e sensibilidade – o que o destaca –, redimindo o banal e afirmando sua presença no mundo de forma participativa e crítica. Os últimos versos do poema “Flash”, que abre o livro, pode ser lido como sua corajosa *ars poetica*: “Somos todos folhas levadas pelo vento,/ A vazante de um rio desnorteante e desnortado.// De garfo e faca para o vento,/ Estrada de nuvens,/ Cinema de insetos./ Queimo minhas asas e começo a voar.”

Que esses três jovens poetas continuem a voar cada vez mais alto.